

Banco escocês dá o exemplo

Londres — O Banco da Escócia anunciou ontem que resolveu reduzir o volume de suas promissórias da dívida externa brasileira, trocando parte delas por uma participação acionária da firma Papel e Celulose Catarinense, sediada em São Paulo.

“Internamente, a economia brasileira está muito forte e a Papel e Celulose é uma companhia muito dinâmica com boa ficha de lucros e de dividendos”, disse Ian Robertson, diretor da divisão internacional do banco.

O Banco da Escócia tinha a haver 50 milhões de dólares, dos quais 12,5 milhões foram transacionados por 18,7 por cento das ações da Papel e Celulose. A negociação foi feita junto com Bank Of Northwest Minneapolis e as ações pertenciam anteriormente à International Finance Corporation, IFC, que está ligada ao Banco Mundial. A IFC tinha as ações há 20 anos.

“Efetivamente, isto reduzirá nossa dependência da dívida brasileira em 12,5 milhões de dólares e poderemos recuperar este ativo provavelmente em um prazo de 12 anos”, declarou Robertson. “Ninguém poderá recuperar o que o Brasil deve em menos de 10 anos”.

Robertson esteve várias vezes no Brasil para visitar a Papel e Celulose e disse que o Banco da Escócia está procurando outras empresas para investimentos similares. Ele informou que espera obter uma renda “entre 4 e 5 por cento do investimento, a ser pago em dólares”.